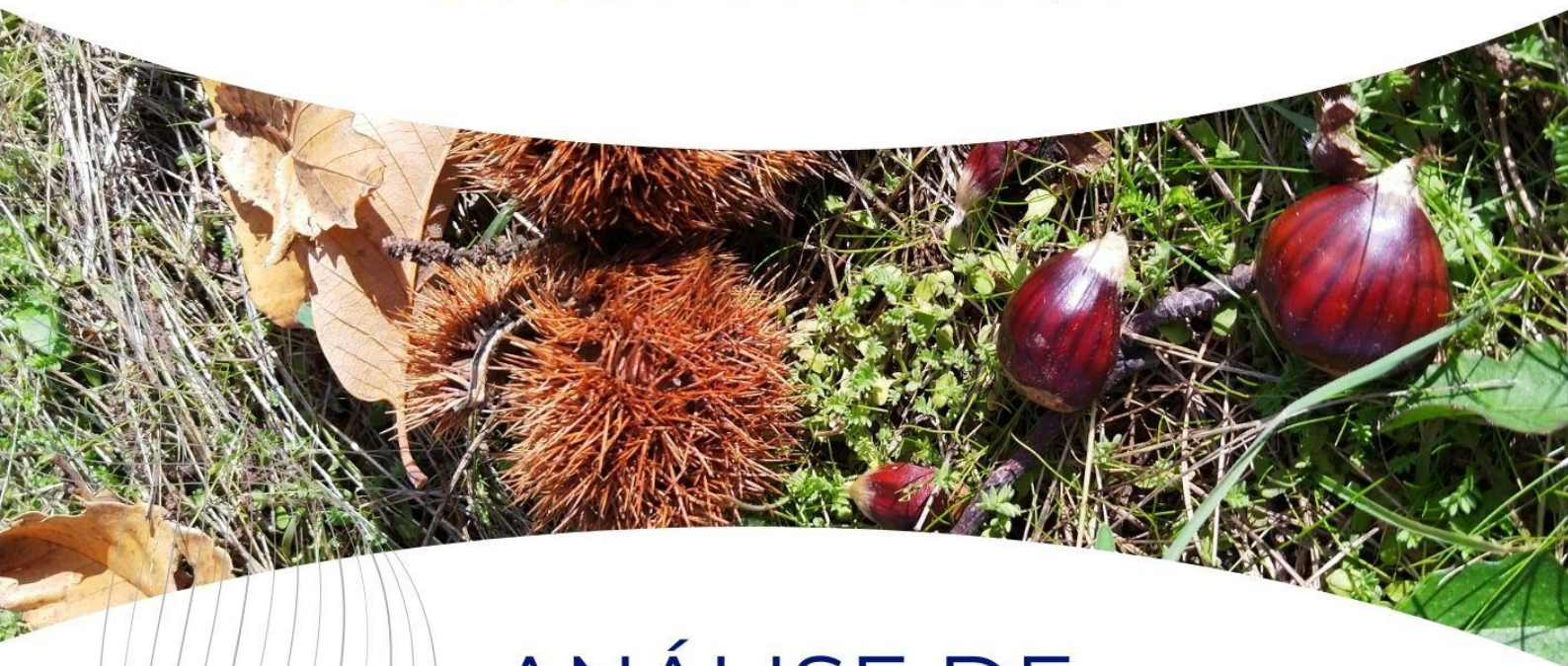


DIVISÃO DE PROGRAMAS E AVALIAÇÃO



ANÁLISE DE CAMPANHA

CASTANHA

2025

SOUTOS DA LAPA, TERRA FRIA E PADRELA

“A análise preditiva permite uma visão clara do que esperar de cada colheita. Modelos de IA conseguem prever rendimentos com base em dados históricos, ambientais e agronómicos, otimizando a cadeia logística desde o campo até à distribuição. Esta capacidade reduz incertezas, melhora o planeamento e contribui para uma cadeia de abastecimento mais eficiente e resiliente.” (Matos, João. 2025).

FICHA TÉCNICA

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Rural do Norte, I.P.

Unidade de Desenvolvimento Rural, Agroalimentar e Pescas

Divisão de Programas e Avaliação

Autoria

Suzana Antunes Fonseca

Coordenação

José Manuel Vieira

Índice

1	ENQUADRAMENTO	4
2	PRODUÇÃO	6
2.1.	Incidência geográfica	6
2.2.	Variedades/cultivares	8
2.3.	Caracterização tecnológica	10
2.4.	Condicionalismos de natureza climatérica e fitossanitária	12
2.5.	Condicionalismos de natureza socioeconómica	15
2.6.	Área, produção e produtividade	16
2.7.	Sistema de rastreabilidade para certificação do produto	18
3	COMERCIALIZAÇÃO.....	19
3.1.	Calendário de produção/comercialização.....	19
3.2.	Oferta/Procura	20
3.3.	Circuitos de Comercialização	23
3.4.	Evolução das Cotações.....	24
3.4.1.	Área de mercado de Bragança (Castanha da Terra Fria DOP)	24
3.4.2.	Área de mercado de Chaves (Castanha da Padrela DOP).....	26
3.4.3.	Área de mercado do Douro Sul (Castanha dos Soutos da Lapa DOP)	27
3.5.	Promoção e Campanhas de Marketing	29
4	INDÚSTRIA.....	30
5	PERSPETIVAS	30
6	ANÁLISE SWOT DA FILEIRA	33
i)	Pontos fortes	33
ii)	Pontos fracos	34
iii)	Ameaças	34
	OPORTUNIDADES.....	34

ANÁLISE DE CAMPANHA DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE CASTANHA EM TRÁS-OS-MONTES

1 | ENQUADRAMENTO

O nosso país posiciona-se como um dos principais produtores de castanha no contexto europeu, com a Região Norte a destacar-se com as maiores áreas de castanheiros, em particular em Trás-os-Montes (TM).

Segundo dados do Recenseamento Agrícola (RA) de 2019, a castanha ocupa em TM uma área de aproximadamente 44 000 hectares, tendo ocorrido um incremento de área superior a 50% num período de 10 anos, se compararmos com os dados do RA de 2009. A esta evolução não é alheia a boa adaptação da cultura às condições edafoclimáticas da região, associada a uma riqueza gastronómica desenvolvida com base na castanha e em outros produtos endógenos.

Esta Análise de Campanha reflete um estudo acerca das três (3) áreas de mercado acompanhadas na Região Norte – **Chaves** com cerca de 10 764 hectares, **Bragança** com 26 142 hectares e **Douro Sul** com 4 039 hectares (dados provisórios do Quadro de Produção Vegetal de 2025).

Em todas as áreas de mercado indicadas o setor da castanha assume-se como uma **fileira estratégica**, face à importância económica e social que representa, garantindo trabalho em zonas desfavorecidas e de baixa densidade populacional.

Para além do consumo em fresco, a castanha também pode ser conservada seca ou congelada, permitindo o alargamento do período de consumo. O fabrico de farinha e a transformação em licores, doces, compotas e sobremesas (como o *marron glacé*) são outras formas de preservar o fruto, para consumo posterior. Parte da produção transmontana é transformada na região e a restante segue para o mercado externo, permitindo o escoamento de produto com valor acrescentado.

Embora em pequeno número, é possível encontrar na região unidades de armazenamento/transformação de castanha, que abastecem essencialmente as grandes superfícies e o mercado da exportação.

Em Portugal existem quatro (4) **Denominações de Origem Protegida (DOP)** para a produção de castanha, duas das quais situadas na região de Trás-os-Montes e uma terceira “partilhada” com a Beira Interior, que coincide com a área de mercado do Douro Sul:

- **Castanha da Padrela DOP:** Criada em fevereiro de 1994, delimitando parcelas situadas entre as cotas de 500 e 900m de altitude (no distrito de Vila Real)
- **Castanha da Terra Fria DOP:** Criada em junho de 1996, com cotas predominantemente acima dos 600m de altitude (essencialmente no distrito de Bragança).
- **Castanha dos Soutos da Lapa DOP:** Criada em junho de 1996, delimita parcelas com cotas médias de 750m, sem ultrapassar os 950m de altitude (no Douro Sul)

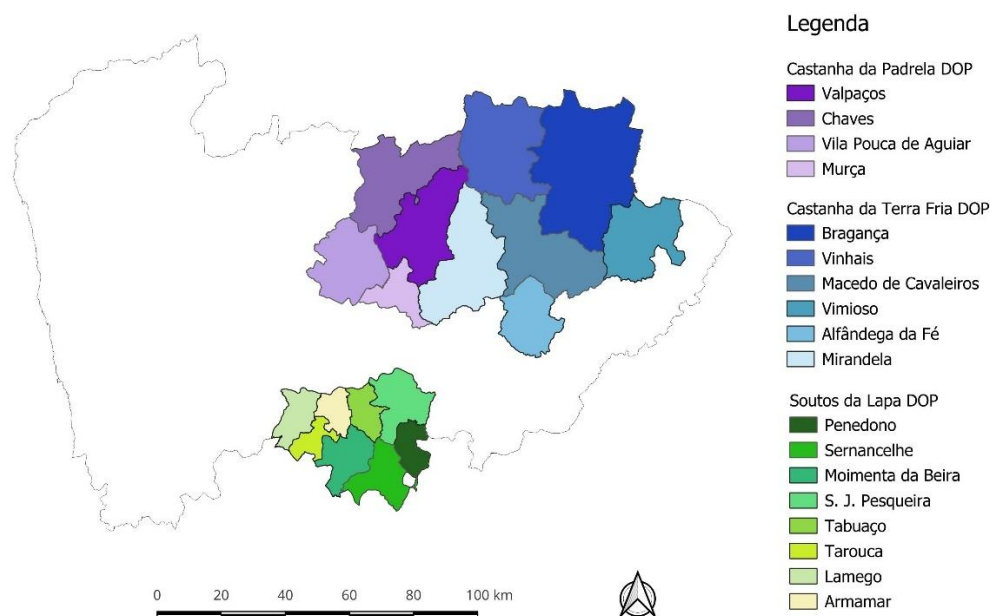


Figura 1. Distribuição das diferentes áreas de mercado e dos respetivos municípios

Na campanha de 2025 a colheita da castanha iniciou-se na terceira semana de outubro em Bragança, em meados de outubro no Douro Sul e no início de novembro em Chaves. Isto significou que o abastecimento de castanha transmontana fresca nos mercados se manteve ao longo dos meses de outubro, novembro e dezembro, naqueles que são tradicionalmente os meses de maior consumo.

Bragança: Início a 20.10.2025 e fim de campanha a 08.12.2025

Douro Sul: Início a 13.10.2025 e fim de campanha a 08.12.2025

Chaves: Início a 03.11.2025 e fim de campanha a 08.12.2025

2 | PRODUÇÃO

2.1. Incidência geográfica

Como já referimos, a produção de castanha em TM está dispersa por toda a região, com as zonas certificadas concentradas em alguns concelhos do Nordeste e do Douro Sul. Os nossos serviços acompanharam a produção e a comercialização do produto nos concelhos das DOP's, apurando o volume de vendas e as cotações praticadas ao longo da campanha para diferentes variedades, à **Saída de Produção (SP** – com a comercialização a ser realizada diretamente pelo produtor) e à **Saída de Estação (SE** – após a saída de unidade de limpeza/calibração/embalamento).

Os concelhos e freguesias que compõem cada uma das DOP em causa são os seguintes:

a) Castanha da Padrela DOP:

Concelhos de **Chaves** (freguesias de Moreiras, Nogueira da Montanha, Santa Leocádia, São Julião de Montenegro e UF de Loivos e Póvoa de Agrações), **Murça** (freguesia de Jou), **Valpaços** (freguesias de Água Revés e Castro, Argeriz, Canavezes, Ervões, Friões, Padrela e Tazem, Rio Torto, Sanfins, Santa Maria de Émeres, Santiago da Ribeira de Alhariz, São João de Corveira, Serapicos, Vales, Vilarandelo, UF de Tinhela e Alvarelhos e UF de Carrazedo de Montenegro e Curros) e **Vila Pouca de Aguiar** (Bornes de Aguiar, Tresminas, Valoura e Vreia de Bornes).

b) Castanha da Terra Fria DOP:

Concelhos de **Alfândega da Fé** (Sambade e UF Gebelim e Soeima), **Bragança** (todas as freguesias), **Chaves** (freguesias de Roriz, Sanfins e S. Vicente), **Macedo de Cavaleiros** (todas as freguesias), **Mirandela** (freguesias de Caravelas e Vale de Asnes), **Valpaços** (freguesia de Bouçoães), **Vimioso** (freguesias de Argoselo, Pinelo, Vimioso e UF Vale de Frades e Avelanoso) e **Vinhais** (todas as freguesias).

c) Castanha dos Soutos da Lapa DOP:

Concelhos de **Armamar** (freguesias de Cimbres, Santa Cruz, S. Martinho das Chãs, S. Cosmado, Vila Seca, UF de Arícera e Goujoim e UF de Santiago e S. Romão), **Tarouca** (freguesias de Várzea da Serra, Tarouca, S. João de Tarouca, Mondim da Beira, Salzedas e UF de Granja Nova e Vila Chã da Beira), **Tabuaço** (freguesias de Arcos, Chavães, Granja do Tedo, Longa, Paradela, Sendim, Tabuaço, Távora e UF de Pinheiros e Vale de Figueira), **S. João da Pesqueira** (freguesias de Paredes da Beira, Riodades, Trevões e Valongo dos Azeites), **Moimenta da Beira** (todas as freguesias), **Sernancelhe** (todas as freguesias), **Penedono** (todas as freguesias), **Lamego** (freguesias de Avões, Ferreiros de Avões, Lalim, Lazarim, Penude, Vila Nova de Souto D'El Rei, UF de Bigorne, Magueija e Pretarouca e UF de Meijinhos e Melções), **Aguiar da Beira** (todas as freguesias) e **Trancoso** (todas as freguesias). *(De referir que a recolha de dados não recaiu sobre os dois últimos concelhos indicados)*

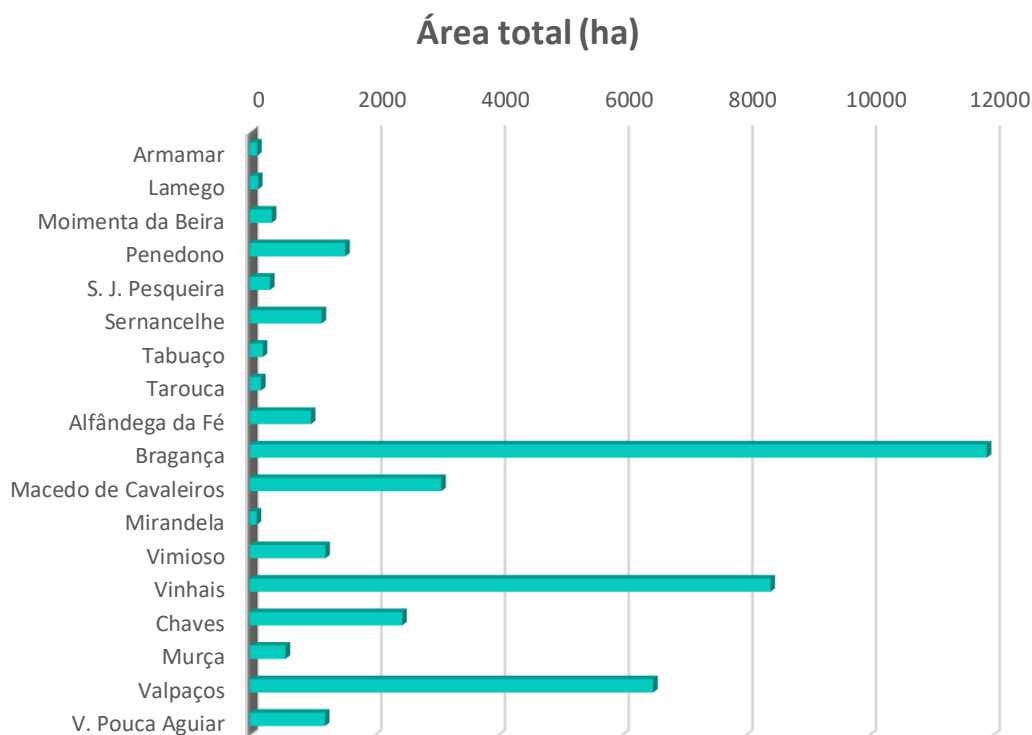


Gráfico 1. Distribuição da área de castanheiros por município
Fonte: QPV2025 (dados provisórios)

2.2. Variedades/cultivares

A castanha é um fruto rico em hidratos de carbono (em particular amido) e vitamina C (com teor semelhante aos citrinos) e pobre em gordura, estando aconselhada nas chamadas dietas alimentares “saudáveis”.

A diversidade de variedades de castanha produzidas nas regiões indicadas no ponto anterior é muito vasta, sobrepondo-se pontualmente. No Caderno de Especificações de cada DOP está definida a percentagem mínima das principais variedades produzidas, da seguinte forma:

Castanha da Padrela DOP: Judia (80% da produção), Côta, Lada, Longal, Negral e Preta;

Castanha da Terra Fria DOP: Longal (70% da produção), Amarelal, Aveleira, Boa Ventura, Côta, Judia, Lamela, Martaínha, Negral e Trigueira;

Castanha dos Soutos da Lapa DOP: Longal e Martaínha.



Figura 2. Souto em regime de sequeiro, Penela da Beira – Castanha dos Soutos da Lapa DOP

Para além destas variedades encontramos outras com menor expressão, cuja maturação precoce/tardia permite não só aumentar o período de comercialização de castanha em fresco – exemplo dos híbridos e de variedades como a Verdeal – mas também introduzir no mercado uma determinada quantidade de produto com aptidão para a conservação/transformação.

Apesar de semelhantes, cada variedade apresenta morfologia e características organoléticas próprias, assim como diferentes aptidões (facilidade de descasque, capacidade de conservação, usos alimentares, entre outras). Distinguem-se igualmente pela produtividade, calibre médio dos frutos e pelos períodos de floração e colheita.

Enquanto algumas variedades têm floração precoce, como a Martaínha e a Verdeal, outras apresentam floração mais tardia, como a Côta, a Lada e a Negral. Esta diversidade possibilita, no momento da plantação, ajustar as variedades ao local de instalação, valorizando as características específicas de cada uma e permitindo o escalonamento da colheita.

A Longal e a Côta destacam-se pela sua maior aptidão para o descasque e para a indústria, enquanto a Judia revela maior adequação ao consumo em fresco, devido sobretudo à sua maior dimensão. A Martaínha apresenta uma dupla aptidão, sendo indicada tanto para o consumo em fresco como para a indústria. Do ponto de vista organolético, sobressaem a Côta, a Judia, a Longal e a Martaínha, reconhecidas pelo seu sabor rico e adocicado.



Ao nível da produção, as variedades mais procuradas e valorizadas são, regra geral, aquelas que predominam em cada região. Em paralelo com as variedades tradicionais, e com o objetivo de reduzir a incidência de doenças como a Tinta e o Cancro do Castanheiro, bem como de melhorar a eficácia da polinização cruzada, alguns produtores têm optado por introduzir nos soutos mais recentes plantas provenientes de clones de castanheiros híbridos, utilizados quer como porta-enxertos, quer como produtores diretos.

2.3. Caracterização tecnológica

Os castanheiros são árvores monóicas, ou seja, possuem flores femininas e masculinas na mesma planta. No entanto, a autofecundação não é viável (as plantas são autoestéreis), pelo que é necessária a presença de pólen de outras variedades.

A fecundação é facilitada pelo vento, pelos insetos (essencialmente abelhas) e pela correspondência entre o período de plena floração das flores masculinas e plena receptividade das flores femininas (que darão origem aos ouriços e às castanhas).



Figura 3. Flores femininas e flores masculinas no castanheiro

10

A utilização de plantas híbridas como produtores diretos é uma prática frequente, e em alguns casos, recomendada na região Norte, uma vez que estas atuam também como bons polinizadores. Além disso, conferem maior vigor e produtividade às plantas, bem como maior precocidade na entrada em produção, devendo, contudo, ser assegurada a compatibilidade com as variedades tradicionais.

Os castanheiros híbridos resultam do cruzamento entre o **castanheiro europeu** (*Castanea sativa*) e o **castanheiro japonês** (*Castanea crenata*). A sua principal vantagem reside na tolerância a doenças como a Tinta e o Cancro do Castanheiro, para as quais ainda não existem meios de luta química devidamente homologados.

Na região, os **híbridos** mais utilizados foram selecionados em França, pelo Instituto Nacional de Investigação Agronómica (INRA), e em Portugal, pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), destacando-se:

INRA – Marigoule, Bouche de Bétizac, Marsol, Ca90, Précouce Migoule e Belle Épine

UTAD - ColUTAD®

Relativamente ao **tipo de solo**, o castanheiro revela boa capacidade de adaptação a diferentes condições edáficas. Ainda assim, em novas plantações devem ser evitados os solos mais propensos ao encharcamento, privilegiando os solos profundos, de textura grosseira, bem drenados e com elevado teor de matéria orgânica.

Os **compassos de plantação** nas várias zonas são, de um modo geral, semelhantes, diferenciando-se sobretudo em função da idade dos soutos. Nos soutos mais antigos, os espaçamentos são mais amplos, situando-se normalmente entre 12 x 12 (m) e 10 x 10 (m). Já nos soutos mais recentes, os compassos tendem a ser mais reduzidos, sendo frequentes os 10 x 8 (m) e os 8 x 8 (m), resultado da utilização de porta-enxertos ananizantes, que limitam o desenvolvimento das plantas (como o Ca90), e da adoção de diferentes sistemas de condução. Estas variações estão relacionadas com a dimensão da copa dos castanheiros e com o facto de a frutificação ocorrer nos ramos terminais, sendo que, em termos teóricos, copas maiores tendem a proporcionar maior frutificação e produtividade.



À semelhança de outras espécies frutícolas, o castanheiro em Trás-os-Montes é conduzido, essencialmente, segundo duas **formas de condução**: em vaso ou em eixo central. Em ambos os casos, o objetivo principal é a formação de uma copa bem aberta, que favoreça o arejamento e uma adequada interceção da luz.

A **condução em vaso** é a mais tradicional e encontra-se sobretudo nos soutos mais antigos da região. Nesta modalidade, o eixo central é suprimido, estimulando-se o desenvolvimento de dois a três ramos laterais a cerca de dois metros de altura.

Na **condução em eixo central**, adota-se o princípio oposto, promovendo-se a manutenção de um eixo principal, acompanhado por ramos laterais de menor dominância. Nestes casos, a enxertia é efetuada mais próximo da base do tronco, aproximadamente a 0,5m do solo.

Na maior parte dos soutos, o **controlo das infestantes** é feito sobretudo através de métodos mecânicos, que dispensam a mobilização do solo. A utilização de destroçadores ou de cobertos vegetais contribui para a conservação da qualidade do solo e para a redução da disseminação de doenças, em particular da Doença da Tinta. Apesar disso, ainda é frequente encontrar parcelas mobilizadas, com impactos negativos ao nível das raízes superficiais e da sanidade das plantas.

Os soutos são frequentemente usados para o pastoreio de animais, que também contribuem para o controlo da vegetação e para o aumento dos teores de matéria orgânica do solo.

Tradicionalmente conduzida em regime de sequeiro, a cultura do castanheiro passou, mais recentemente, a integrar **sistemas de rega** em alguns soutos, sobretudo como apoio nos primeiros anos de crescimento.

Estima-se que a área regada represente cerca de 5% no Douro Sul, 20% na Terra Fria e 10% na região de Chaves, mantendo-se a restante área em regime de sequeiro.

De forma semelhante, embora exista conhecimento empírico de que parte dos soutos segue os princípios da Produção Integrada ou da Agricultura Biológica, não temos dados precisos que nos permitam quantificar a expressão destas práticas nas zonas acompanhadas. De acordo com os resultados do último Recenseamento Agrícola (INE, 2019), estima-se que a área dedicada à Agricultura Biológica seja inferior a 5%.

2.4. Condicionalismos de natureza climática e fitossanitária

O ano agrícola de 2025 revelou-se particularmente adverso para as culturas da região de TM, de um modo geral, não tendo os soutos constituído exceção. O verão ficou marcado por temperaturas muito elevadas e por uma acentuada escassez de precipitação, não se tendo registado ocorrência de chuva até ao final de setembro, o que expôs as plantas a níveis muito elevados de stress hídrico.

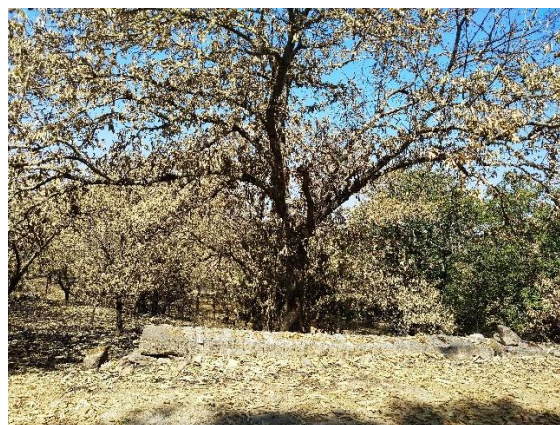
Em consequência destas condições meteorológicas extremas, registaram-se, durante o mês de agosto, graves incêndios florestais em toda a região Norte, comprometendo significativamente a produção de castanha em todas as áreas DOP.

No caso particular dos Soutos da Lapa DOP – cuja delimitação abrange concelhos integrados simultaneamente nas áreas de intervenção da CCDR-N e da CCDR-C – os concelhos de Penedono e Sernancelhe, onde se localiza a maior área de produção acompanhada pela CCDR-N, foram severamente afetados pelos incêndios com origem em Trancoso e no Sátão, ambos na região Centro. Estes incêndios devastaram milhares de hectares de parcelas agrícolas, incluindo extensas áreas de soutos, entre outras culturas.

Para além da área diretamente ardida, as temperaturas excecionalmente elevadas registadas durante este período – quer pelo efeito direto da temperatura do ar, quer pelo impacto térmico associado à proximidade dos incêndios – contribuíram para uma acentuada redução da produtividade dos soutos. A desidratação das árvores e dos frutos refletiu-se numa quebra de rendimento e na obtenção de calibres inferiores na presente campanha.



Figuras 4 a 6. Parcelas de castanheiros ardidos, no concelho de Penedono, agosto de 2025



Figuras 7 e 8. Parcelas de castanheiros ardidos, no concelho de Semancelhe, agosto de 2025



Figura 9. Jovens castanheiros queimados pela radiação, concelho de Bragança, agosto de 2025

Foto por: Anabela Coimbra

Embora de forma menos severa, as restantes DOP's inseridas na CCDR-N também sentiram os efeitos dos incêndios ocorridos no período estival, que influenciaram a produção/produktividade de castanha.

A colheita iniciou-se cerca de uma semana mais tarde que no ano anterior e com tempo muito quente e seco, diminuindo a capacidade de conservação da castanha (que requer humidade e temperaturas baixas).

Na campanha de 2025, persistiu a ocorrência debilitante de pragas/doenças de difícil resolução, como sejam o Cancro do Castanheiro (*Cryphonectria parasitica*), a Doença da Tinta (*Phytophthora cinnamomi*) e a Vespa-das-galhas-do-castanheiro (*Dryocosmus kuriphilus*), para as quais continuaram a ser tomadas medidas de carácter preventivo ou curativo:

- i) A única solução eficaz encontrada para controlar o **Cancro do Castanheiro** reside num bioproduto de carácter experimental, desenvolvido pela Escola Superior Agrária de Bragança – o **Dictis** – que implementa a luta biológica (e a hipovirulência em particular) no tratamento e recuperação das árvores afetadas.
- ii) Para a **Doença da Tinta** ainda não se conhece nenhuma substância de controlo eficaz, pelo que o combate se faz essencialmente através da luta cultural (medidas indiretas de carácter preventivo) e do uso de porta-enxertos tolerantes ao fungo.
- iii) A **Vespa-da-galha-do-castanheiro** só é possível de controlar através da libertação de um parasitóide (*Torymus sinensis*), segundo um plano de largadas coordenado entre diversas entidades (autarquias, DGAV, RefCast, ...).

Durante o período da colheita, foi necessário realizar várias passagens nos soutos, uma vez que os ouriços abrem e deixam cair a castanha em momentos diferentes.

Em meados do mês de novembro, a passagem em território nacional da tempestade “Cláudia” dificultou a operacionalização das máquinas de colheita dos produtores da área de mercado de Bragança.

2.5. Condicionalismos de natureza socioeconómica

O setor da castanha tem vindo a assumir particular importância em Trás-os-Montes, com a plantação gradual de grandes áreas de soto – como cultura extreme ou como base de muitas explorações.

Através da análise dos dados do RA2019, percebe-se que o maior número de explorações com área de castanheiro (e também de maior dimensão), se encontra no nordeste transmontano, na área de influência da Castanha da Terra Fria DOP.

Logo atrás surgem a região do Alto Tâmega (Castanha da Padrela DOP) e a região do Douro Sul (Castanha dos Soutos da Lapa DOP).

Trata-se na sua maioria de produtores individuais, alguns dos quais dedicados à produção de castanha como atividade principal. Os restantes têm a castanha como um complemento ao rendimento da exploração, sendo que parte deles não são agricultores a título principal.



Figura 10. Aspeto da castanha, variedade “Longal”, após calibração, concelho de Vinhais
Foto por: Anabela Coimbra

O produto é escoado através de unidades de armazenamento/transformação específicas para a castanha, de ajuntadores ou diretamente para pequenos/médios comerciantes.

As feiras da castanha promovidas pelas diversas autarquias também são uma forma de escoamento da produção diretamente para os consumidores finais.

2.6. Área, produção e produtividade

Nos capítulos 1 e 2 deste documento foram já identificados os concelhos e as freguesias com produção de castanha, integrados nas respetivas Denominações de Origem, bem como as correspondentes áreas de produção.

A análise dessa informação permite concluir que os concelhos com maior área de castanheiros em produção são Penedono e Sernancelhe, inseridos nos Soutos da Lapa DOP; Bragança e Vinhais, na Terra Fria DOP; e Valpaços e Chaves, na Padrela DOP. Em termos absolutos, a Terra Fria destaca-se como a região com a maior área de soutos em Trás-os-Montes, totalizando cerca de 26 000 hectares, seguida da Padrela, com aproximadamente 11 000 hectares e dos Soutos da Lapa, com cerca de 4 000 hectares.

A tabela seguinte apresenta a quantificação das áreas, produções e produtividades de cada concelho, incluindo igualmente as **áreas em plena produção** – excluindo os soutos jovens, com menos de 10 anos, bem como as áreas que se estima terem sido afetadas pelos incêndios de agosto de 2025 – e as variações registadas entre 2024 e 2025.

Concelho	2024			2025				Variação 2024/2025 (%)	
	Área total (ha)	Produção (t)	Produtividade (Kg/ha)	Área total (ha)	Área em produção (ha)	Produção (t)	Produtividade (Kg/ha)	Produção	Produtividade
Armamar	121	89	800	121	111	80	720	-10%	-10%
Lamego	147	55	500	135	109	49	450	-10%	-10%
Moim. da Beira	336	209	800	357	262	188	720	-10%	-10%
Penedono	1504	1026	900	1546	750	525	700	-49%	-32%
S. J. Pesqueira	328	213	700	328	300	192	640	-10%	-9%
Sernancelhe	1141	804	1000	1162	600	420	700	-48%	-30%
Tarouca	182	98	650	182	151	88	580	-10%	-10%
Tabuaço	210	122	800	210	200	140	700	+20%	-10%
Chaves	2467	774	450	2467	1783	802	450	+3%	0
Murça	580	144	315	580	412	176	383	+22%	+22%
Valpaços	6525	1062	210	6525	5065	1064	210	0	0
V. Pouca Aguiar	1217	299	500	1217	608	299	500	0	0
Alfândega da Fé	989	153	250	989	623	156	250	+2%	0
Bragança	11919	5140	840	11919	8040	6754	840	+31%	0
M. de Cavaleiros	3097	749	375	3097	1900	760	400	+1%	+7%
Mirandela	113	53	425	113	113	57	500	+8%	+18%
Vimioso	1224	788	600	1224	1224	796	650	+1%	+8%
Vinhais	8421	4098	850	8421	5900	5015	850	+22%	0

Fonte: CCDRN/DPA – Quadro de Produção Vegetal 2024 e 2025 (dados provisórios)

Nota: Por questões de ordem prática, os valores foram arredondados à unidade.

(As produções e produtividades apresentadas na tabela anterior dizem respeito aos soutos em plena produção, uma vez que as produções dos soutos jovens são pouco significativas)

Embora de dimensão modesta, em 2025 o Douro Sul registou um aumento da área de castanheiros, refletindo, em parte, o impacto positivo que esta cultura tem vindo a assumir na região. Este efeito é particularmente evidente nos concelhos de Penedono e Sernancelhe, marcados por uma tendência crescente de despovoamento e de envelhecimento demográfico.

Em sentido contrário, e na sequência dos incêndios agroflorestais, registaram-se quebras na produção e na produtividade, que afetaram de forma significativa o rendimento dos produtores locais, sobretudo daqueles para quem a produção de castanha constitui a única ou principal atividade económica.

Na Padrela e na Terra Fria a influência dos incêndios foi mais heterogénea, dependendo da proximidade dos soutos às áreas ardidas.

De forma global, a produção e a produtividade foram superiores às do ano anterior, com ambas as regiões a registarem um volume de castanha produzida e comercializada muito interessante.

2.7. Sistema de rastreabilidade para certificação do produto

A rastreabilidade e a certificação do produto na campanha de 2025 não sofreu qualquer alteração face ao sistema da campanha anterior, com grande parte da área dos soutos da região transmontada enquadrada em modelos de Produção Integrada ou Agricultura Biológica, garantindo alguma rastreabilidade do produto.

Para além disso, existem as **Denominações de Origem Protegida (DOP's)**, que certificam a castanha em função dos diversos parâmetros inscritos nos respetivos Cadernos de Especificações.

A responsabilidade por esta certificação recai sobre os Organismos Privados de Controlo e Certificação inscritos para o efeito em cada DOP.

No que respeita ao produto para exportação e/ou comercialização em determinadas superfícies comerciais, existe a obrigação acrescida de realizar **Tratamentos de Água Quente (TAQ)**, devidamente acompanhados e certificados por Inspetores Fitossanitários.

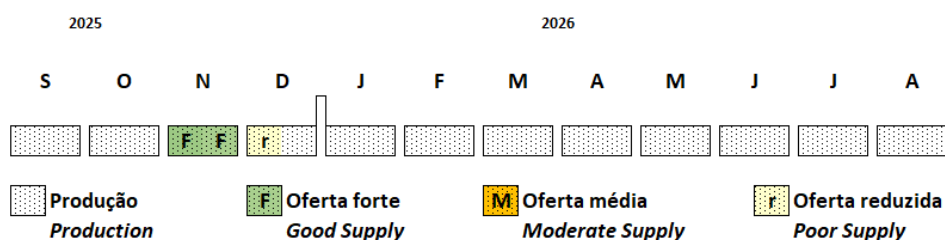
3 | COMERCIALIZAÇÃO

3.1. Calendário de produção/comercialização

Na campanha de 2025 a disponibilidade de castanha para comercialização nas três áreas de mercado acompanhadas foi a seguinte:

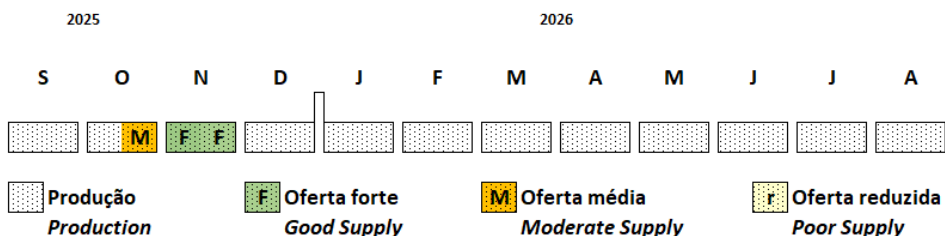
Chaves

Calendário de Produção - Comercialização / Production - Marketing Calendar



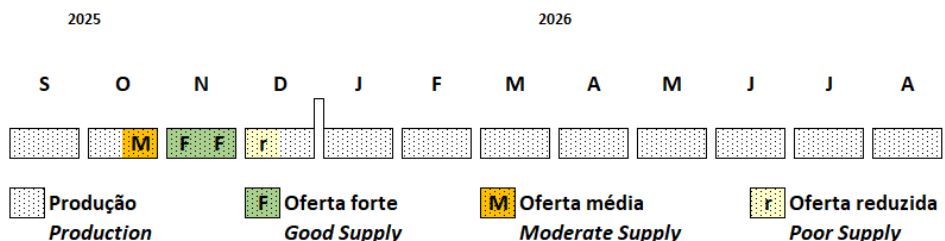
Bragança

Calendário de Produção - Comercialização / Production - Marketing Calendar



Douro Sul

Calendário de Produção - Comercialização / Production - Marketing Calendar



De salientar que a área de mercado do Douro Sul, apesar de ser a que apresenta menor área e menor volume de castanha produzida, foi a que disponibilizou produto em fresco durante um período mais alargado. Nas restantes, a produção/comercialização concentrou-se essencialmente no mês de novembro.

3.2. Oferta/Procura

A oferta de castanha em cada uma das áreas de mercado na campanha de 2025 foi distinta, de acordo com a intensidade dos incêndios e as perdas a considerar.

Contudo, em termos temporais, as áreas de mercado de Bragança e do Douro Sul disponibilizaram produto mais cedo, a partir da terceira semana de outubro, enquanto a área de mercado de Chaves só iniciou a sua oferta a partir da primeira semana de novembro.

Em resultado da entrada em produção de novas áreas de castanheiros e de um melhor aproveitamento do produto aquando da colheita (por motivos sanitários), a qualidade da castanha produzida/comercializada na área de mercado de Bragança foi superior à de anos anteriores.

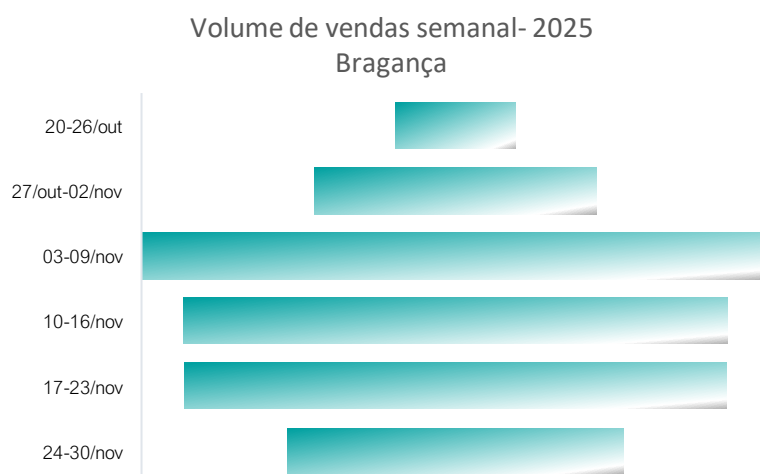
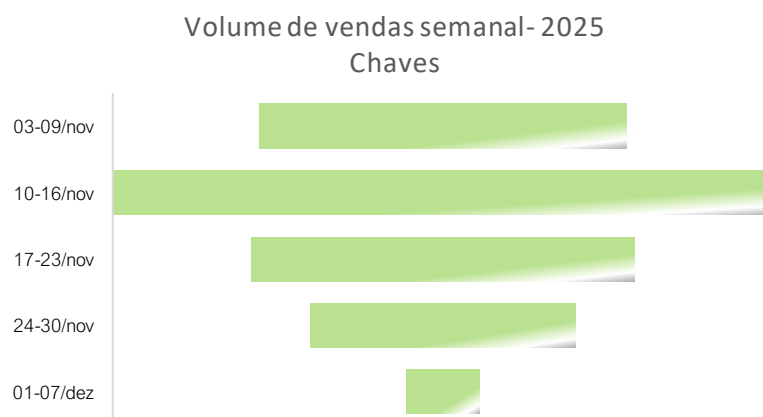
Algumas variedades são habitualmente mais procuradas e valorizadas que as restantes, face ao calibre e às suas características organoléticas. É o caso da Judia, da Longal e da Martáinha.

Transversal a todas as áreas de mercado foi o facto de, sem qualquer surpresa, o período com maior volume de vendas coincidir com o S. Martinho (na própria semana ou na semana anterior).

De acordo com a informação transmitida pelos operadores do setor, desde que a qualidade seja garantida, a castanha é um produto cujo escoamento se encontra sempre assegurado através dos diferentes canais de comercialização.

O que varia são as cotações de venda, em função da variedade, do destino comercial (mercado interno ou externo, consumo em fresco ou transformação industrial) e do nível de procura por parte dos consumidores. Contribui ainda para esta dinâmica o facto de se tratar de um produto sazonal, associado ao início do outono, com múltiplas utilizações gastronómicas e uma capacidade de conservação em fresco relativamente elevada.

Apresentam-se, de seguida, os gráficos ilustrativos do volume de venda de castanha nas áreas de mercado acompanhadas ao longo da campanha de 2025.



Gráficos 2 e 3. Evolução do volume de vendas semanal, nas áreas de mercado de Chaves e Bragança, na campanha de 2025
Fonte: DPA | CCDR-N

Embora estes gráficos representem apenas o volume de vendas nos **operadores acompanhados** nas diferentes áreas de mercado, permitem retirar elações sobre a duração do período de colheita e comercialização, bem como sobre os momentos de maior intensidade nas vendas.

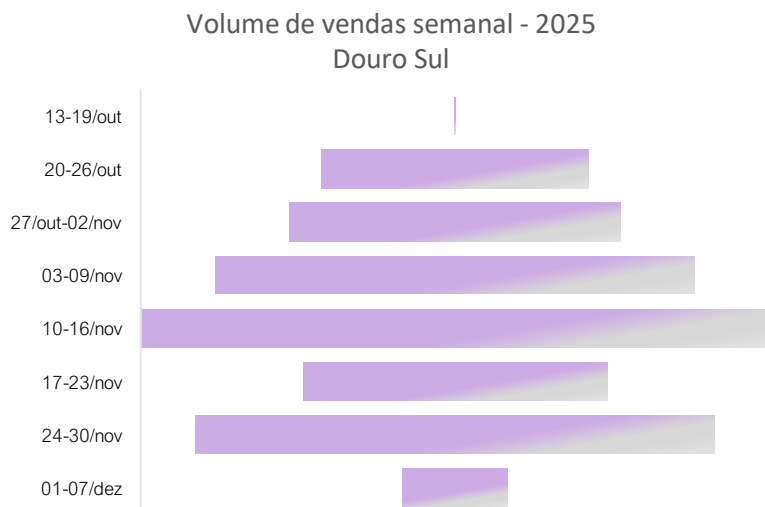


Gráfico 4. Evolução do volume de vendas semanal no Douro Sul, na campanha de 2025
Fonte: DPA | CCDR-N

Mais uma vez, a área de mercado que movimentou maior quantidade de castanha em 2025 foi, sem dúvida alguma, Bragança, que representa em valores absolutos a maior área de produção de Trás-os-Montes.

Seguiu-se a área de mercado de Chaves que recuperou bastante face aos valores do último ano, e só depois surge o Douro Sul, que ocupa o último lugar no volume de vendas apurado em 2025 (o acompanhamento desta área de mercado só teve início em 2024).

22

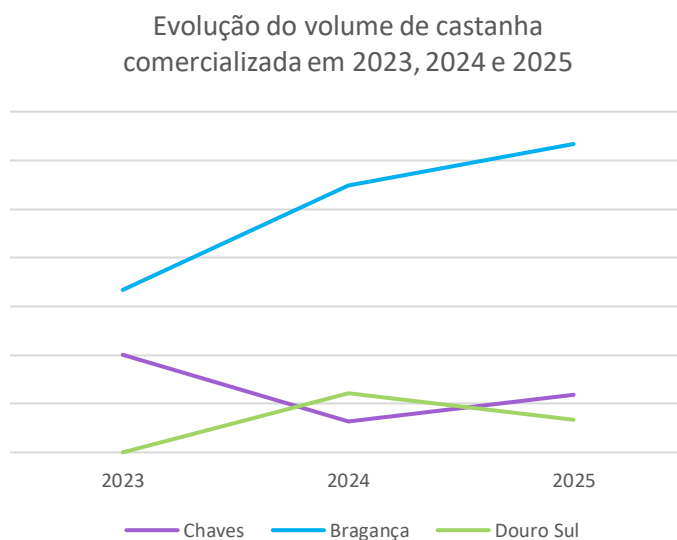


Gráfico 5. Evolução do volume de castanha comercializada nas campanhas de 2023, 2024 e 2025
Fonte: DPA | CCDR-N

Em comparação com o ano anterior, o volume de vendas das áreas de mercado de Bragança e Chaves registou um crescimento interessante, enquanto no Douro Sul as perdas terão representado cerca de 40% (ver gráfico 5).

As perdas no Douro Sul estão diretamente relacionadas com os incêndios ocorridos no mês de agosto, que destruíram por completo alguns soutos e a sua produção, resultando numa redução da oferta de castanha nesta campanha e, muito previsivelmente, nas próximas.

3.3. Circuitos de Comercialização

A comercialização da castanha apresenta uma dinâmica bastante semelhante nas três áreas de mercado analisadas. Em todas elas existem centrais de recolha, transformação e escoamento do produto, de diferentes dimensões, que adquirem a castanha diretamente aos agricultores ou aos ajuntadores, assegurando a continuidade do circuito comercial.

Essas empresas acondicionam a castanha, responsabilizando-se pela sua limpeza, seleção, calibração, eventual transformação e embalamento. Quando o destino é a exportação e/ou as grandes superfícies, a castanha passa ainda por um tratamento de água quente (TAQ), garantindo esterilização e aumento do poder de conservação.

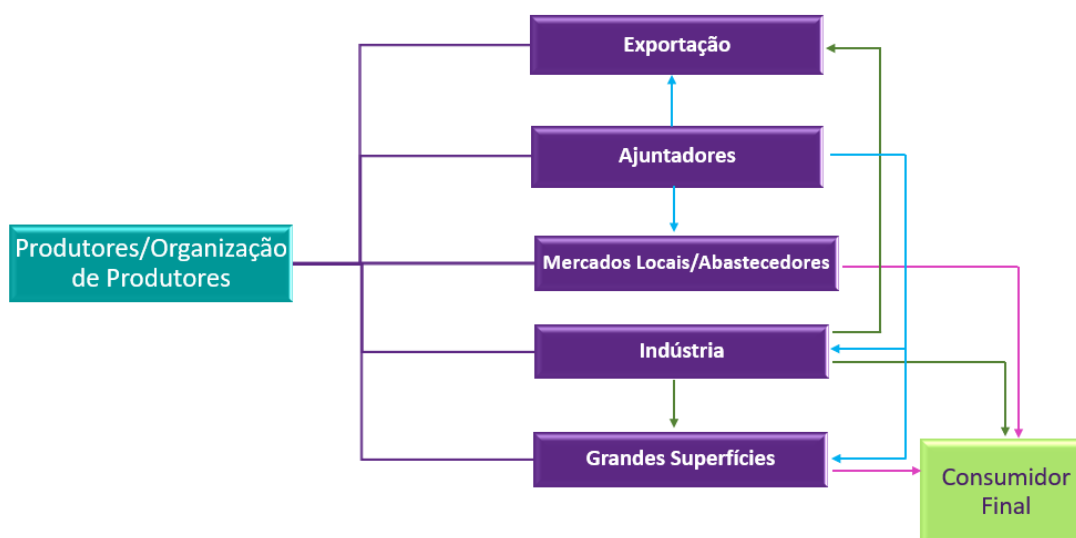


Diagrama: Circuito de comercialização da castanha em Trás-os-Montes

É também comum a venda direta ao consumidor final, embora em quantidades reduzidas, através de mercados locais e regionais, abastecedores e algumas superfícies comerciais, como frutarias e supermercados.

Os principais destinos de exportação da castanha portuguesa são França, Itália e Espanha, países mediterrânicos onde os hábitos de consumo deste fruto são semelhantes aos nossos.

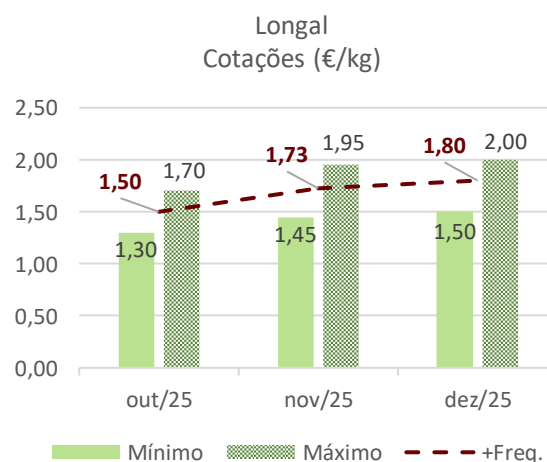
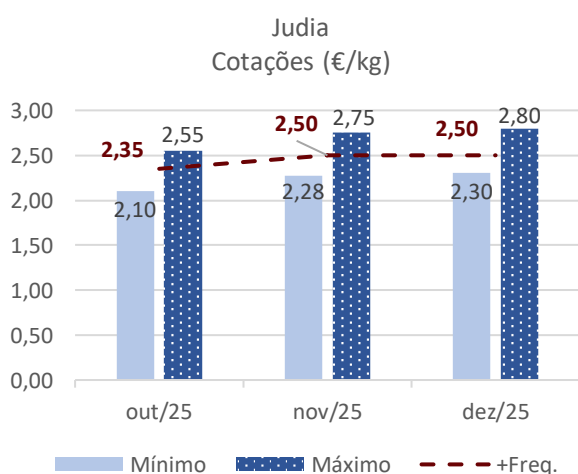
3.4. Evolução das Cotações

As cotações variam bastante com a variedade e a área de mercado consideradas, motivo pelo qual se optou por realizar essa análise de forma individualizada.

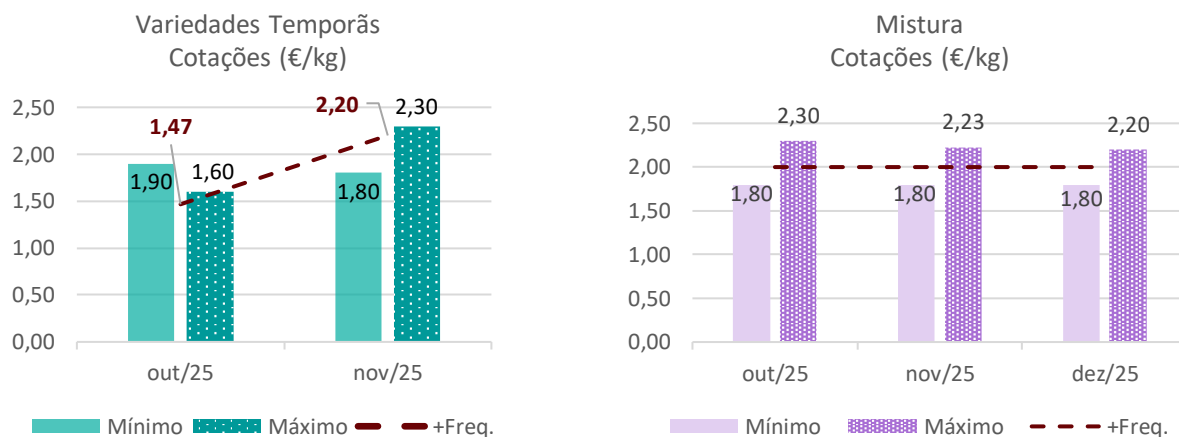
3.4.1. Área de mercado de Bragança (Castanha da Terra Fria DOP)

Nesta área de mercado a variedade mais procurada é a Judia, o que justifica a maior valorização registada. Em oposição surge a Longal, com as cotações mais baixas da campanha.

As castanhas temporãs, tal como o próprio nome indica, surgem apenas no início da campanha. Em 2025 registaram-se cotações apenas durante três semanas, desde meados de outubro até à primeira semana de novembro.



Gráficos 6 e 7. Cotação da castanha na área de mercado de Bragança, campanha 2025
Fonte: DPA | CCDR-N



Gráficos 8 e 9. Cotação da castanha na área de mercado de Bragança, campanha 2025
Fonte: DPA | CCDR-N

Se compararmos com os valores do ano anterior, facilmente percebemos que este ano as cotações médias mais frequentes foram globalmente mais baixas, com as castanhas temporãs e a Judia a registarem valores ligeiramente superiores no mês de novembro (ver quadro 10). Comportamento idêntico tiveram as cotações máximas para o mesmo período de análise.

25

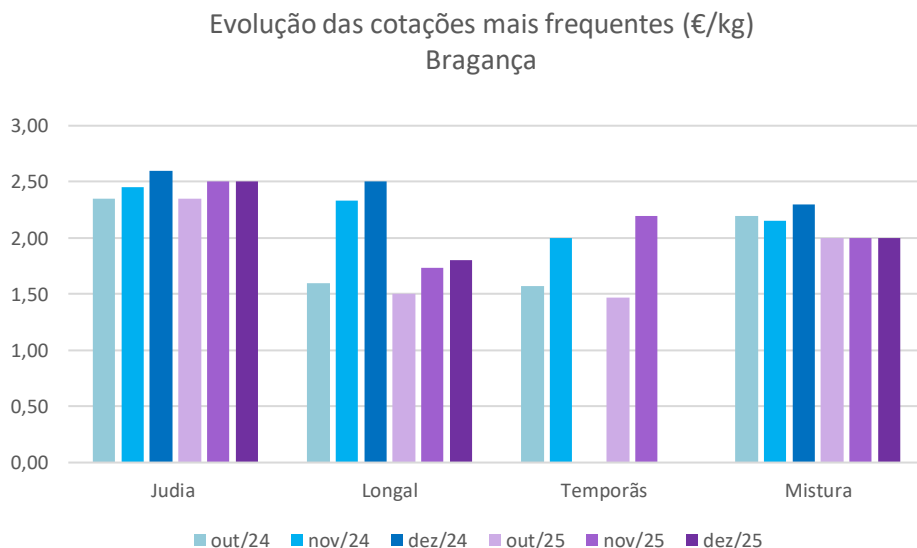


Gráfico 10. Evolução das cotações mais frequentes na área de mercado de Bragança, nas campanhas de 2024 e 2025
Fonte: DPA | CCDR-N

A feira promovida pela autarquia de Vinhais – *Rural Castanea* – posiciona-se também como um canal de escoamento privilegiado para os produtores/comerciantes, a partir da própria região.

3.4.2. Área de mercado de Chaves (Castanha da Padrela DOP)

A recolha de cotações neste segmento de mercado incidiu exclusivamente sobre a castanha Judia, por se tratar da variedade mais representativa da região.

Nesta área existem duas unidades de transformação de grande dimensão, que adquirem parte da produção local.

Contudo, a presença de ajuntadores que recolhem e encaminham a produção para outros setores (mercados abastecedores, feiras, frutarias) é muito significativa.

À semelhança de outras regiões, também aqui são promovidas feiras da castanha que possibilitam a presença de qualquer produtor/comerciante e onde são comercializadas várias toneladas de castanha.

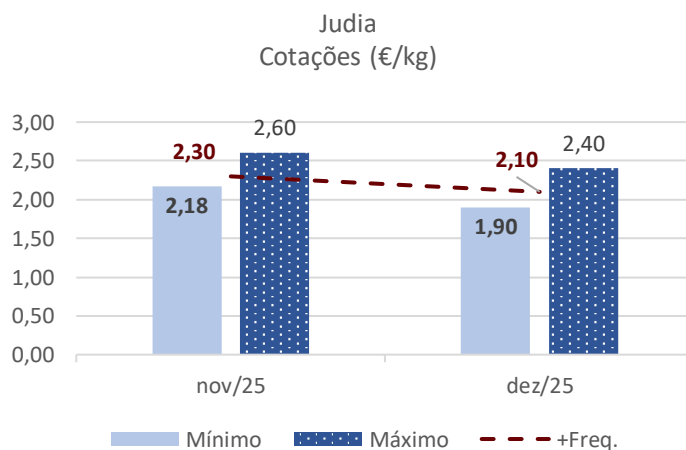


Gráfico 11. Cotação da castanha na área de mercado de Chaves, campanha 2025
Fonte: DPA | CCDR-N

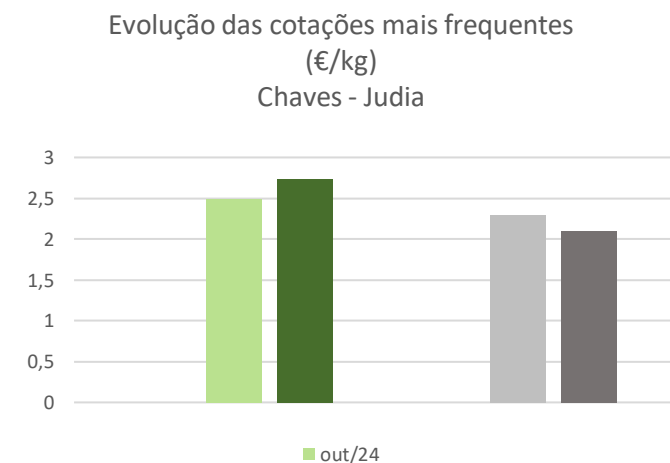
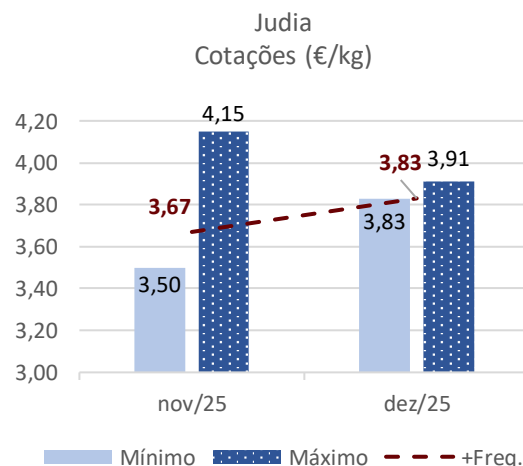
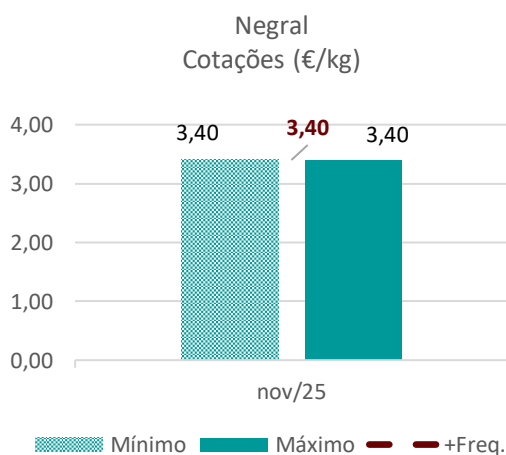
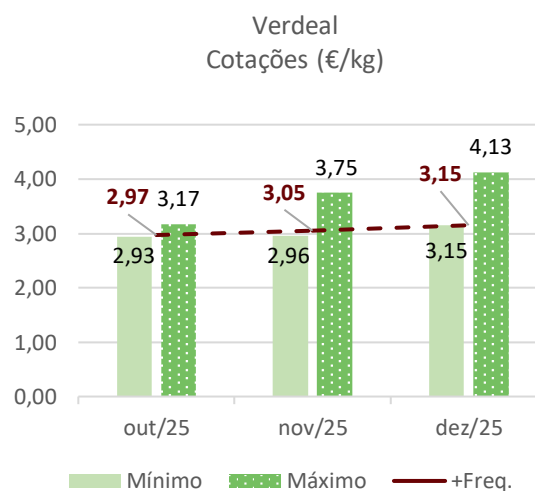
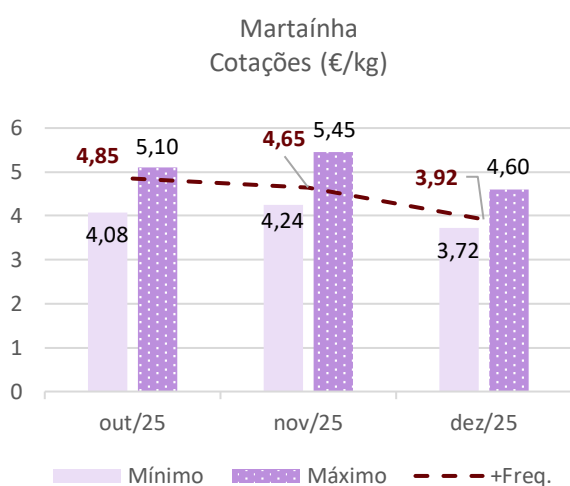


Gráfico 12. Evolução das cotações mais frequentes na área de mercado de Chaves, nas campanhas de 2024 e 2025
Fonte: DPA | CCDR-N

Mais uma vez, se compararmos a média das cotações mais frequentes nesta área de mercado com as do período homólogo em 2024, concluímos que o aumento de produção se refletiu numa diminuição das respetivas cotações.

3.4.3. Área de mercado do Douro Sul (Castanha dos Soutos da Lapa DOP)



Gráficos 13 a 16. Cotação da castanha na área de mercado do Douro Sul, campanha 2025

Fonte: DPA | CCDR-N

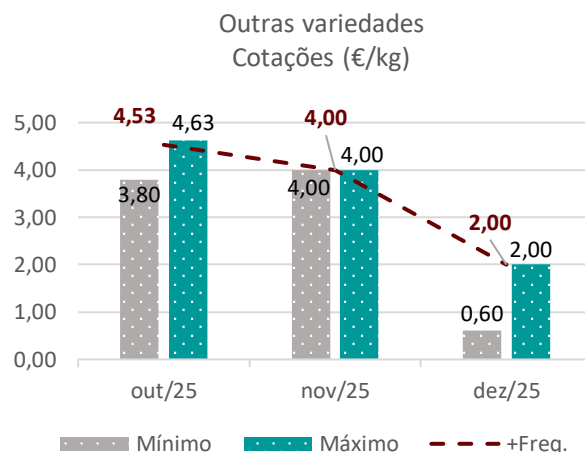


Gráfico 17. Cotação da castanha na área de mercado do Douro Sul, campanha 2025
Fonte: DPA | CCDR-N

No Douro Sul, e face aos dados apurados, estimamos que nesta campanha cerca de 75% da castanha produzida e comercializada em fresco tenha sido da variedade Martaínha, o que nos parece normal, na medida em que esta é a variedade “rainha” da região.

Trata-se de uma castanha de calibre elevado e com um sabor adocicado, muito apreciada pelos consumidores, motivo pelo qual grande parte da produção é adquirida por ajuntadores e encaminhada para os *assadores* de Lisboa e do Porto.

Paralelamente a este circuito, existem na região – nomeadamente nos concelhos de Penedono e Sernancelhe – armazéns grossistas que adquirem e processam a castanha (esterilização, calibração e embalamento), comercializando-a essencialmente para as grandes superfícies e para o mercado externo.

Por se tratar de uma variedade de castanha muito procurada e disponível em menores quantidades que outras, a Martaínha tem o seu escoamento assegurado através dos canais já indicados, mas também durante a *Feira da Castanha de Sernancelhe*, que se realiza anualmente, ou diretamente pelos produtores.

Por esse motivo, e porque este ano a oferta de castanha foi menor (devido aos incêndios) as cotações registadas nesta área de mercado foram globalmente superiores às das restantes regiões, tendo atingido máximas de 6,5€/kg no final de outubro/início de novembro.

Douro Sul - Evolução das cotações mais frequentes

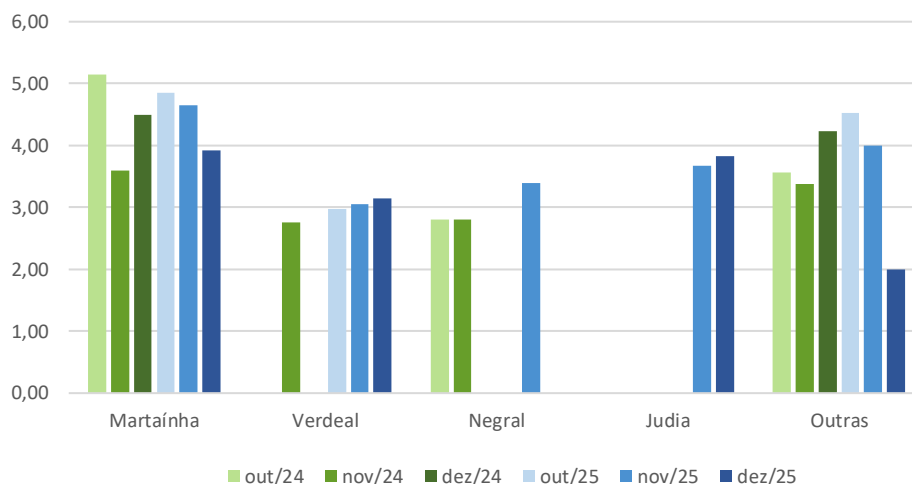


Gráfico 18. Evolução das cotações mais frequentes na área de mercado do Douro Sul, nas campanhas de 2024 e 2025
Fonte: DPA | CCDDR-N

3.5. Promoção e Campanhas de Marketing

Naquela que já vem sendo uma tradição nos principais municípios ligados à produção de castanha e numa perspetiva de promoção do produto, em 2025 foram organizadas nas diferentes áreas de mercado os seguintes eventos:

- **Festa da Castanha de Sernancelhe** (24 a 26 de outubro): promovida pelo Município de Sernancelhe
- **Feira da Castanha e Paladares de Outono** (31 outubro a 2 de novembro): promovida pelo Município de Trancoso (na área de influência da CCDDR-Centro)
- **Mostra Gastronómica do Cabrito, Castanhas e Cogumelos** (1 e 2 de novembro): promovida pelo Município de Vila Pouca de Aguiar
- **Rural Castanea – XIX Feira da Castanha** (07 a 09 de novembro): promovida pelo Município de Vinhais
- **CASTMONTE – XXVIII Feira da Castanha Judia** (7 a 09 de novembro): promovida pelo Município de Valpaços e pela Freguesia de Carrazedo de Montenegro



4 | INDÚSTRIA

No que diz respeito à castanha que seguiu para indústria, os dados apurados não nos permitem apontar a quantidade efetiva que teve este destino. Contudo, estimamos que pelo menos 15-20% do total da castanha da região tenha sido transformada – congelados, compotas, farinhas, entre outros.

5 | PERSPETIVAS

O setor da castanha tem vindo a assumir cada vez maior importância nas terras de Trás-os-Montes, por ser uma atividade que requer poucos cuidados e pouca mão de obra ao longo do ano (fator bastante limitante na região), tendo por isso a capacidade de funcionar como complemento a outras atividades – agrícolas ou não.

Trata-se de uma atividade que constitui, por si só, uma fonte relevante de rendimento agrícola para os produtores, sobretudo em anos considerados “normais”, em resultado do aumento da procura pela castanha nacional, reconhecida pela sua elevada qualidade.

Paralelamente, muitos proprietários optam pela plantação de castanheiros como forma de manter os terrenos livres de matos, especialmente em áreas que anteriormente tiveram outras culturas agrícolas e que, entretanto, foram abandonadas.

Em algumas aldeias da Terra Fria, as populações locais beneficiam da relação simbiótica entre os castanheiros e os cogumelos, que se traduz numa melhoria da absorção de nutrientes, num aumento da resistência a situações de stress hídrico e num acréscimo do rendimento anual das explorações agrícolas. Por outro lado, os soutos adultos contribuem para a criação de paisagens de grande valor estético, particularmente atrativas no outono, o que tem levado algumas autarquias e entidades privadas a apostar no seu aproveitamento turístico.

No concelho de Sernancelhe, por exemplo, a autarquia criou o Espaço da Castanha e do Castanheiro, responsável pela dinamização da Rota da Castanha e do Castanheiro, que atrai numerosos visitantes de diferentes regiões do país. Neste município foi igualmente fundada a Confraria da Castanha Soutos da Lapa, cujo principal objetivo é a promoção e valorização da castanha local e da respetiva tradição gastronómica.

Já no concelho de Bragança, a autarquia desenvolveu a Rota dos Castanheiros em Flor, realizada na freguesia de Salsas, dando a conhecer a beleza natural da região.

Em parceria com vários municípios, a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro implementou a Rota da Castanha em Trás-os-Montes, composta por cinco percursos que atravessam o nordeste transmontano. Esta iniciativa visa essencialmente divulgar os aspetos culturais e etnográficos da região, associados à paisagem típica dos soutos, promovendo simultaneamente a cooperação entre as populações locais e os produtores. A criação destes trilhos e percursos pedestres fomentou ainda o surgimento de diversas unidades de ecoturismo e turismo rural, distribuídas por toda a área das DOP's, contribuindo para a dinamização económica e social destas regiões.

A grave vaga de incêndios rurais registada em agosto de 2025, que consumiu milhares de hectares, provocou a destruição de extensas áreas de povoamentos florestais e terrenos agrícolas, criando um impacto profundo e diversificado na economia rural.

Os incêndios que atingiram áreas de soutos – em particularmente nas áreas de mercado em análise – tiveram um efeito muito significativo na produção de castanha do presente ano agrícola. As consequências ultrapassam largamente esta campanha, uma vez que parte da área ardida necessitará de ser replantada (visto que muitas árvores foram totalmente destruídas). Os castanheiros que sobreviveram necessitarão de vários anos para recuperar a capacidade produtiva e alcançar patamares de produção economicamente sustentáveis, comprometendo os rendimentos futuros e a competitividade dos produtores.

Para além disso, a aposta no ecoturismo e noutras atividades turísticas foi severamente afetada pelos incêndios, devido à degradação da paisagem e à destruição dos trilhos e infraestruturas, reduzindo o afluxo de visitantes, com a consequente quebra de receitas na restauração, hotelaria e demais serviços turísticos.

Em resposta a esta catástrofe natural, foram implementados mecanismos de apoio financeiro destinados aos agricultores afetados, com o objetivo de compensar as perdas e ajudar na recuperação do potencial produtivo das explorações afetadas. O Decreto-Lei n.º98-A/2025, de 24 de agosto, estabelece um conjunto de medidas de apoio e mitigação do impacto de incêndios rurais, abrangendo, entre outros setores, a agricultura, tanto na vertente da produção vegetal como da produção animal.

O artigo 22.º do referido diploma contempla a atribuição de um apoio de carácter excecional aos agricultores, sob a forma de prestação única, até ao montante máximo de 10 000€, tendo sido considerados *“elegíveis os prejuízos que se reportem a dados referentes a animais, culturas anuais, plantações plurianuais, máquinas, equipamentos e espaços de apoio à atividade agrícola”*. Complementarmente, o artigo 20.º estabelece *“a abertura de concursos para apoio ao restabelecimento do potencial produtivo agrícola, incluindo a reposição de animais, plantações plurianuais, aquisição de máquinas, equipamentos agrícolas, armazéns e outras construções de apoio à atividade agrícola, (...), designadamente, castanheiros, (...)”*.

Para aceder ao apoio previsto no artigo 22.º, os produtores tiveram de submeter uma “Declaração Conjunta”, na qual declararam a totalidade dos prejuízos agrícolas provocados pelos incêndios. No âmbito deste regime foram apresentadas cerca de 4500 candidaturas, com prejuízos declarados próximos dos 15 milhões de euros.

Os concelhos de Sernancelhe e Penedono apresentaram, em conjunto, aproximadamente 40% das candidaturas de toda a região Norte, evidenciando o impacto que os incêndios tiveram naquela área de mercado (in: <https://geoportal.ccdr-n.pt/geoportal>, consultado em 20.01.2026).

Na campanha anterior (2024), antecipava-se um elevado potencial de crescimento para o setor da castanha, tanto no mercado nacional como no internacional. Contudo, pelos motivos anteriormente expostos, o cenário atual revela-se menos favorável, levando muitos produtores da área de mercado do Douro Sul a ponderar o abandono da atividade.

Os castanheiros são árvores de crescimento lento, que demoram cerca de 10 anos a atingir as primeiras produções e várias décadas para alcançar a sua plena capacidade produtiva. Perante a destruição de uma parte significativa da área em produção, neste momento a continuidade da atividade encontra-se seriamente ameaçada, sobretudo em territórios de baixa densidade populacional, tornando-se imprescindível uma reflexão aprofundada sobre as estratégias a adotar no futuro.

Complementarmente, mantém-se a necessidade de investir na valorização do produto, na inovação e na adaptação às novas realidades climáticas e económicas, bem como na atribuição de apoios que promovam o aumento da área cultivada e a modernização de uma atividade que, apesar de tradicional, carece de atualização constante.

33

6 | ANÁLISE SWOT DA FILEIRA

A realidade da fileira da castanha é transversal a todas as regiões acompanhadas e mantém-se relativamente idêntica ao ano anterior, pelo que se optou por uma análise swot conjunta, listando os principais constrangimentos e as principais mais valias desta atividade.

i) Pontos fortes

- Condições edafoclimáticas propícias à cultura
- Possibilidade de recurso à colheita mecanizada
- Médio/elevado poder de conservação do fruto
- Produto com grande valorização no mercado (em particular das variedades endógenas regionais), garantindo um bom rendimento aos operadores do setor

- Facilidade no escoamento da produção / exportação
- Possibilidade de agregar a produção ao ecoturismo

ii) Pontos fracos

- Baixa produtividade dos soutos
- Reduzida mão-de-obra
- Envelhecimento dos produtores
- Ocorrência de incêndios
- Fragmentação das explorações (diversas parcelas, dispersas e de pequena dimensão)

iii) Ameaças

- Incremento dos problemas fitossanitários
- Dificuldade em fixar jovens na atividade (comprometendo seriamente o setor)
- Especulação de preços
- Concorrência de castanha oriunda de outros países
- Alteração dos hábitos de consumo

7 | OPORTUNIDADES

Fruto do forte investimento que os operadores nacionais (e não só) têm vindo a realizar na promoção deste produto nas suas diversas formas de apresentação, a castanha ganhou uma visibilidade crescente, não apenas no mercado interno ou “da saudade”, como também em mercados onde tradicionalmente era pouco conhecida.

Torna-se fundamental dar continuidade a este esforço, reforçando a aposta na produção biológica – particularmente valorizada pelos consumidores do Norte da Europa – e tirando partido da tendência crescente de procura por produtos transformados à base de castanha, associados aos “produtos tradicionais” (como compotas, castanha cozida, congelada ou reduzida a farinha) e a uma alimentação saudável.

A diversificação das atividades agrárias, como o ecoturismo, a produção e/ou recolção de cogumelos silvestres e o pastoreio extensivo nos soutos, contribui não só para o aumento do rendimento dos produtores, mas também a fixação da população nas zonas do interior Norte, marcadas por uma forte tendência para a desertificação.